

ATA DA V REUNIÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO CÂMPUS SÃO MIGUEL DO OESTE

Aos dois dias de dezembro de dois mil e vinte de um ocorreu a sétima Reunião Ordinária do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Participaram Ademir Juvencio da Silva, Alessandro Eleutério de Oliveira, Claudio Varella, Diego Nones Bissigo, Isete Carmen Lourenço, Leandro Freitas Oliveira, Leonarda Palú, Noeli Moreira e Thomas Santos. Dois dias de dezembro de dois mil e vinte de um ocorreu a sétima Reunião Ordinária do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, Isete. A ordem do dia era constituída por 1. Informes; 2. Avaliação das atividades do Mês da Consciência Negra; 3. Estudo dirigido sobre o livro “Racismo Estrutural” de Silvio Almeida. Primeiramente, foi feita uma rápida apresentação entre os integrantes do núcleo e os convidados, a estudante Leonarda Palú do curso técnico integrado de eletromecânica e o professor Carlos Varella. Após isso, foram dados os informes sobre a reunião de organização de evento em 2022 pelos NEABI's IFSC, o Comitê e as comissões locais de Direitos Humanos. Após isso foi feita a aprovação da ata. A professora Noeli teceu considerações sobre as atividades relacionadas ao Mês da Consciência Negra, como a exposição de obras de autores e autoras negros e negras pela biblioteca do câmpus, a exposição de trabalhos de estudantes sobre o tema com a participação de professores do câmpus e a sessão especial do projeto de extensão Cineclub 1 minuto. Ressaltou que professores do IFSC têm abordado tema das relações étnico-raciais ao longo do ano letivo. Isete avaliou de forma positiva as atividades realizadas, e destacou a roda de conversa sobre branquitude e privilégio branco da qual participou. O professor Thomas fez considerações sobre as relações entre o câmpus e a comunidade de abrangência Vila Nova, percebendo-os como dois espaços comunitários que não dialogam. A seguir, foi iniciado o estudo dirigido sobre o capítulo 1 do livro Racismo Estrutural, intitulado Raça e Racismo, sob a condução do Leandro e dos convidados Leonarda e Cláudio. Leandro apresentou o livro e mais especificamente o capítulo abordado. Afirmou que, segundo o autor da obra, Silvio Almeida, etimologicamente não há um consenso sobre a origem da palavra raça, mas que é consenso de que o uso de palavra raça sempre esteve ligado à classificação, primeiramente para diferenciar espécies animais e, mais recentemente, seres humanos. A partir do século XVI, no âmbito da expansão mercantilista e do Renascimento o homem europeu passou a ser o modelo de humanidade a ser seguido. No Iluminismo a ideia de homem contemporâneo foi engendrada, no qual o homem passa a diferenciar as pessoas de acordo com seus costumes e suas culturas, o que traz à tona comparações entre os homens considerados civilizados e aqueles considerados primitivos. O ideário civilizatório europeu deveria ser levado para os povos colonizados, e sob o pretexto civilizatório foram cometidas atrocidades contra essas pessoas. Leonarda falou sobre a construção de discursos ideológicos baseados nos determinismos biológicos e geográficos para justificar a dominação racista. Afirmou também que, apesar do anacronismo dessas conclusões pseudocientíficas ser evidente, as ideias propagadas ainda realimentam o racismo. Abordou também os conceitos de discriminação direta e indireta. Explicou e problematizou a concepção individual do racismo, que se limita a olhar o racismo por um viés meramente comportamental, sem considerar as injunções socioeconômicas, políticas e culturais historicamente construídas que guiam essas

práticas. O professor Claudio também afirmou – em relação à essa concepção individual do racismo – que a sociedade é percebida como boa e saudável e que somente alguns membros degenerados realizam essas práticas. Dessa maneira, na medida em que a sociedade é harmônica, os negros não conseguiriam ascensão social por não se esforçarem suficientemente. A seguir discorreu sobre o racismo institucional, no qual as pessoas reproduzem uma atmosfera de segregação. Lembrou de um professor que teve na USP que afirmava que quando ele conversava com uma ou mais pessoas, sempre estava presente um elemento a mais chamado de “Deus da Interação”, um interlocutor secreto que conferia vida própria à aula, sejam em suas dimensões formativas sejam em momentos de “bagunça” em uma sala de ensino básico, por exemplo. “Se há duas ou três crianças fazendo bagunça numa sala parece que há uma multidão”. Também afirmou que as instituições possuem vida própria e dessa forma a própria instituição se torna um instrumento de reprodução do racismo, refletindo as relações de poder e dominação que engendram a estrutura social. Thomas falou sobre como a estrutura institucional padroniza as mentalidades dos sujeitos, de modo que a escola, incluso o IFSC, acaba reproduzindo a estrutura e a estratificação social. Claudio afirmou que, na medida em que as instituições são racistas, elas reproduzem o racismo estrutural, uma forma de segregação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes. Também discorreu sobre o espectro de branquitude e negritude que pode favorecer ou desfavorecer pessoas pardas ou mestiças de acordo com diversos contextos. Falou sobre a condição socioeconômica e cultural de indígenas e caboclos no Extremo Oeste Catarinense. Afirmou como o livro de Silvio Almeida é importante, pois a obra apresenta e discute o tema de modo muito pertinentes e que a própria capa do livro, que apresenta o autor, um homem negro com doutorado e com traços fenotípicos que evidenciam sua ancestralidade africana é extremamente emblemática. Citou também a coordenadora da obra (que faz parte da coleção Feminismos Negros) Djamila Ribeiro. Resgatou a fala do professor Thomas no início da reunião sobre como instituições educacionais, como universidades federais e estaduais e institutos federais corroboram recorrentemente a segregação espacial que reflete a socioeconômica e cultural. Falou também como isso é reproduzido por centros comerciais como shopping centers. Após as falas, o professor Leandro pediu aos participantes que fizessem suas considerações. Alessandro falou sobre uma situação de violência racial verbal que teria testemunhado em um restaurante de São Miguel do Oeste contra imigrantes haitianos e venezuelanos, refletindo a violência latente em nossa sociedade, na qual o racismo se dá enquanto relação social parasitária e estruturalmente necessária para a manutenção da estrutura social que se dá numa confluência entre anacronismo e modernidade. Claudio falou sobre as especificidades do racismo nas diferentes sociedades. Falou também sobre o aspecto político do racismo, que permeia as instituições políticas. Leandro falou que sempre que o privilégio dos que estão no poder oscila um pouco, como se deu no caso do acesso de pessoas das classes populares à universidade pública, há um processo de difamação de instituições como a USP, que passou a ser rotulada como um “antro de maconheiros” por grupos políticos reacionários brasileiros, discurso que foi reproduzido por parcelas da sociedade. Isete falou sobre uma pessoa que teria experienciado o racismo institucional após ser aprovada em um concurso público em São Miguel do Oeste. Após essas reflexões, Leandro passou a palavra para Alessandro, que agradeceu a participação de todos. A próxima reunião foi agendada para o dia vinte e sete de janeiro de dois mil de vinte e dois.